



Os professores no pátio da Câmara: depois do dia 31, pode haver greve.



A preocupação dos alunos do Externato: os pais trabalham fora e não há vagas em outras escolas.

## Os pais conseguiram: aulas vão recomeçar.

Enquanto se discute o reajuste, tem que haver aula no Bonfiglioli. Ordem da delegacia de ensino.

Os pais dos alunos do Externato Jardim Bonfiglioli estão sentindo-se vitoriosos. Há pouco mais de dois meses, começaram um movimento contra o reajuste de 151% que a escola queria efetuar sobre a semestralidade. Consideravam o aumento abusivo, e 70% dos pagamentos foram feitos em juízo. Direção e professores resolveram fechar a escola, até que houvesse uma solução judicial. Isso foi no início da semana. Ontem, o impasse parecia ter chegado ao fim: a titular da 14ª Delegacia de Ensino informou à direção da escola que o fato é considerado ilegal e determinou o reinício das aulas para amanhã.

Mas muitas mães ainda duvidam que a escola reabra. Dizem que a escola tem agido fora da lei e acreditam que continue assim. Amanhã haverá uma reunião entre a diretoria da escola e os pais para confirmar se ela reabre ou não.

O temor das mães é justificável. A maioria trabalha fora o dia inteiro. A escola é fundamental no dia-a-dia dos filhos: o período em que estão na escola é uma segurança de que eles estão bem.

Solange Santana é um exemplo. Ela trabalha fora das 8 às 18 horas. Seus filhos ficam com a avó durante a manhã. "Mas minha mãe não pode ficar com eles o dia todo. Ela trabalha à tarde, o período em que meus filhos estudam. Se a escola não reabrir, vou ter que largar meu trabalho. E isso vai interromper minha carreira." Seu filho maior, Cassiano, de seis anos, também não está gostando da história: "Eu acho chato não poder ir pra escola".

Ana Maria Sargaço tem esse problema em dobro. Ela tem quatro filhos. Todos na mesma escola. É funcionária pública e trabalha das 7h30 às 11h30. "No meu trabalho facilitaram esse horário para eu poder cuidar dos meus filhos. Porque nos outros anos, quando eu trabalhava o dia inteiro, era um transtorno. Agora vou ter que trançá-los em casa. Porque não tem segurança para deixá-los na rua. Largar o serviço, não posso. Depois de ter conseguido ser efetivada, não posso largar o meu emprego, mesmo porque meu ordenado é fundamental no orçamento. Vou ter que

prejudicar eles mesmo. Saio e tranco o portão."

Os filhos compreendem bem a situação. A mais velha, Cintia, tem 15 anos. Depois tem o André, com 13, Daniel, com 9, e Beatriz, com 6. Todos estão revoltados com a escola. "Os pais estão pagando e é para gente ter aula", argumenta André. "Nós fomos à reunião, fizemos tudo para baixar a mensalidade. No fim, ficamos sem aula. Foi duro para as mães conseguirem baixar o preço, e agora elas vão trabalhar preocupadas", diz Daniel. "Acho chato que a gente tem que ficar sozinha em casa", resmunga Beatriz. "Eles falaram para a gente ir pra outras escolas. Hoje minha amiga foi procurar vaga em outra escola e disseram que não podia, porque já tinham começado as provas", reclama Cintia.

### "Culpa da escola"

"O rebanho tem que virar lobo. Não dá mais para ser cordeiro", diz Augusto José Correia de Andrade, um dos pais mais ativos do movimento. Para Marlene Sallai Pinto, a mãe que iniciou a luta, "a criança tem que conviver com a realidade, para não tomar um susto depois".

Os alunos do Externato Jardim Bonfiglioli, quando souberam que o *Jornal da Tarde* estaria na casa de Augusto José para saber o que sua filha, Karina, pensava do problema, resolveram ir lá por conta própria. Quase 20 crianças apareceram. Queriam dar seu depoimento. Todas estão preocupadas com a possibilidade de perder o ano ou ter que repor as aulas nas férias.

Marcela e Daniela são irmãs, com 9 e 8 anos. Estão passando os dias na casa da avó, d. Thereza, até que a situação seja resolvida. Os pais gostam de deixá-las sozinhas em casa. "Eu gosto de ficar na casa da vó", diz Marcela. Mas Daniela logo complementa: "Eu também. Mas durante esses dias parados a gente deveria estar estudando para as provas. Imagina se a gente repete o ano". Logo Marcela tranquiliza a irmã: "A mãe tinha dito que se a gente repetisse de ano ela bateria na gente. Mas ela já disse que agora ela não bate não, porque a culpa vai ser da escola".

Ana Flávia é filha de Marlene,

a mãe que iniciou o movimento. Sua preocupação é muito séria: "A direção está errada, porque se a gente ficar sem estudo fica burra. A gente é pequena e tem que estudar". Cleiton, da 6ª série, conta: "Meu pai sempre me diz: 'Filho, estuda, porque se der algum problema você já está livre'". Viviane, de 9 anos está indignada: "A escola não está nem aí com quem vai repetir. Não são eles que vão ficar atrasados depois".

Karina, a filha de Augusto José, tem uma preocupação mais ampla: "Isso está prejudicando a gente, que vai ter que estudar nas férias. E também prejudica os pais, que têm que trabalhar preocupados com a gente". Daniel, filho de Ana Maria, também se preocupa com o dinheiro dos pais: "A escola pediu um material supercaro, só que ninguém vai usar".

Mas isso não aflige muito os pais. Eles estão animados com o nível de mobilização que consegui-

ram. Quando terminar o problema da falta de aulas, os pais tentarão criar uma APM dentro da escola. "É que estamos com medo que depois de todo esse movimento o nível do ensino piora", diz Ana Maria Perez. Ela diz mesmo que chegou a ser procurada e ajudou uma mãe de outra escola. "Ela estava com um problema muito sério com a filha dela. Foi procurar o Centro de Ação Comunitária do bairro e eles falaram para ela procurar a gente."

Mas seu ânimo não fica por aí: "Se a gente conseguiu uma movimentação dessas, então... A gente pode fazer tudo. Nós temos que levar essa luta adiante. Podemos tratar dos problemas dos transportes do bairro. Podemos cuidar da segurança, da saúde e de todas as questões problemáticas de que todo mundo reclama, pois quem deveria cuidar não faz nada".

Beatriz Fragelli